



"A minha raiva transponho-a para meus quadros..."

Fazer uma entrevista a Malangatana Valente, põe problemas. Não que ele não nos ponha à vontade, não aceda com simplicidade a responder a tudo o que se lhe pergunte, fraternalmente, com a maior naturalidade.

Mas ele é o mais «internacional» dos nossos artistas. Pela sua casa passa gente famosa que visita o nosso país, embaixadores, altas personalidades. Todo o país o conhece. Em Maputo as crianças reconhecem-no na rua.

O «atelier» onde nos recebe, a sua própria casa, tem as paredes e recantos cheios de obras de arte: quadros seus e quadros de outros pintores, esculturas, peças únicas de artesanato. É um Museu vivo e aberto, no sentido real da expressão.

Por tudo isto é grande o nosso receio de só poder dar uma pálida ideia da sua personalidade. De resto, nem cem horas de gravação davam para reter tudo o que ele tem para dizer e contar...

Malangatana, como ocupa o seu dia-a-dia?

— Actualmente trabalho como funcionário da Secretaria de Estado da Cultura, dirijo o departamento de «Artesanato». Para trabalhar no meu «atelier» só me resta a noite, os feriados, os domingos...

Mas encontrámo-lo a trabalhar com crianças, aqui no Bairro... como arranja tempo?

— Para responder a isso tenho de dizer que, se eu hoje pinto, foi porque alguém me pôs a mão em cima... Chamam-me autodidacta, mas eu aprendi com outros. Lá para os anos 50, eu não seria capaz de falar de Arte, de Antropologia, de mim próprio, porque é uma coisa que não se opanha na rua, sózinho.

Isso criou em mim uma dívida enorme. Como pagar essa dívida, eu que tanto aprendi dos outros?

Aqui no Bairro do Aeroporto, para onde vim em 59, encontrei um ambiente que me prendeu e nunca mais de cá sai. Esse ambiente, paisagístico e humano, moldou-me, permite-me pintar e aprender. Ora bem, também tenho uma dívida para com os vizinhos. É por isso que dedico uma parte do meu tempo a estas crianças, as crianças que são o futuro.

A iniciativa é minha e é nossa: com as crianças eu brinco muito, há entre nós afecto mútuo. E dentro das actividades de dinamização do Bairro, apareceu uma senhora também preocupada com a ocupação dos tempos livres das crianças e decidimos fazer alguma coisa em colaboração. Optamos por esta actividade de pintura e escultura no chão, aos domingos de manhã.

Será que isso se relaciona com o aparecimento da sua vocação de pintor?

— Sim eu era da idade daquelas crianças — oito, nove anos eu tinha um carácter «ku huhwa» (irrequieto)... A minha mãe mandava-me fazer qualquer coisa e eu ficava a brincar com os outros: imitávamos pássaros, fazíamos casas nas árvores. Nessa idade eu dançava, fazia cestaria, lá em Matlane. Fui para a escola com nove anos e tive o sorte de ter um professor, Zedequias Machiamo que se interessava por desenho e me encorajava. Eu andava na escola com Mankeu, Linda Lhongo, que faz teatro. Foi um período marcante para mim.

pois do Augusto Cabral, é ao Pancho que eu mais devo como pintor.

TIVE UMA VIDA RICA DE VALORES HUMANOS

Malangatana, você foi como todos os moçambicanos, vítima de discriminação e racismo, viveu cheio de dificuldades. No entanto, as suas palavras sobre o passado só realçam as coisas boas...

— Quem me vê cantar e brincar pensa que sou feliz e sempre fui feliz. O que acontece é que sempre vivi pobre de bens materiais, mas rico em termos humanos.

Aqui, Malangatana fala longamente da sua mãe, da grande ligação afectiva com ela. «Ela nunca me largava nem eu a ela» — diz Malangatana. Com o pai a trabalhar na África do Sul, esta mulher só, que cantava, era participante obrigatória das cerimónias e rituais de casamento e fazia tatuagens nas jovens da sua área, veio a adoecer duma grave depressão nervosa. Esta doença da mãe marcou muito o adolescente que era Malangatana nessa altura.

— Só mais tarde percebi que essa loucura que a fazia sofrer, eram as muitas angústias acumuladas. Por isso eu não deixo que a amargura faça peso em mim.

Trabalhei na machamba do «patão» e sabes o que é uma criança fazer estreme misturando folhas secas e fezes, às 4 da manhã, com os seus próprios pés?

Em 1974 encontrei um homem que me inchou as mãos com palmoadas, mas eu achei que não tinha o direito de lho fazer lembrar. Ainda hoje encontro os guardas do Prédio Rubi que, quando eu ia com o José Júlio e outros, me não queriam deixar entrar porque eu era preto...

Tudo isso fez a nossa História, não a minha história... Eu transponho essa raiva para os meus quadros, está nesses cores e nesses



Malangatana deixa-se fotografar ao lado do busto de sua mãe, da autoria de Lobo Fernandes

dentes aguçados...

E acrescenta que ele e a sua mulher, dando-se muito bem com o outro, têm caracteres diferentes. «Ela é mais pessimista do que eu... e discutem os dois procurando educar os filhos numa atitude positiva de vencer o acabrunhamento.

Malangatana como se sente por ser uma pessoa famosa?

— Isso não me impede de fazer a pergunta que hoje faço e sempre continuarei a fazer: quem sou, o que fui e para onde vou... Sinto-me satisfeito, sim, mas não vaidoso, ao ponto de achar que estou «feito». Isso obriga-me a pensar que tenho de fazer mais e melhor. Eu aprendo mesmo com aqueles que julgam que eu os estou a ensinar. Não tenho receio de dizer isso, aprendo

com todos, toda a gente tem coisas a dar...

É o que gostaria de ensinar à geração mais nova?

— A nova geração quer ir muito depressa, não quer amadurecer, começar pelo princípio, pela aprendizagem técnica. Hoje eles dizem: quero fazer, não dizem quero saber. E não vêem que é por isso que são todos tão iguais.

Nós liamos autores estrangeiros, um Alan Paton ou Josué de Castro, e assim aprendíamos que o sofrimento não era só nosso, era também dos outros. Hoje, porque não conhecemos o mundo, não conseguimos ver o que se passa de bom na nossa casa. E depois, não se vai ao cinema, a uma sessão de música, de poesia — não estamos a aprender sobre o ontem, o hoje e o amanhã, não o amanhã próximo, mas o longínquo...

E para terminar, fale-nos um pouco da família que habita esta bonita casa...

— Bom eu tenho quatro filhos, o mais velho com 27 anos que já me fez avô, e que é o Mário. Tenho uma filha professora em Chimão, outra, a Cecília que estuda arquitectura e o mais novo, Mangaiza que tem treze anos. A minha mulher, vocês não a puderam conhecer porque ela saiu muito cedo, foi ao Bazar para arranjar tomate.

Tenho o meu filho mais novo — ela recuperou totalmente daquela doença, em 50. Foi um curandeiro que a tratou e estou muito grato a esse homem. Vive em Matlane com os meus irmãos. Quando vou buscá-la, ela chega e a primeira coisa que faz é dar a volta a este «atelier». Está muito ligada ao meu trabalho de pintor, por isso o meu «atelier» tem o nome dela: «Hlo yasse».

Entrevista de Maria de Lourdes Torcato



«Esta é a nossa história... não a Minha História...» — diz Malangatana